

PRÁTICA

ANDO

REFLETIR

A

INVISIBLE

L

Eu me olho no espelho. Abro os órgãos, escancaro pele úmida e gelatinosa pra entrar luz refletindo e fletindo pélvis, articulações musculosas em oleosas mucosas pra devir corpo molusco língua superfície gosmenta em dança não guiada.

Relaxo buraco de ver. Craterinha minúscula tipo mús-cú-lá cú piscando luz, pulsando penetra-ação de pedaços de fogo tontura e gozo. Lubrificar meus buracos pretos, esfíncter onde se entra e sai matéria pulsante de sangue. Pedaços de humor evaporado, pexeira, água-e-sal.

- Ver enquanto uma ata passiva, ver como um estado de abraço do espaço, revezar a visão dos próprios olhos e se deixar induzir delírio físico.

Olhar seu rosto no espelho até ver outro rosto. Em devaneio de aparição assombração doutra encarnation o espaço revelando espíritos delirados e cores se tornando bixo, meu rosto é de uma velha e de um homem sem nome, é grudado na cabeça e chapado planificado. - deixar a realidade se transfigurar na superfície da carne olho, entrando e saindo do esfíncter da íris uma superfície plana 360 graus em volta da carne-cor-po.

Entregue pra essa imagem relaxada olho forma em si. Sem mexer a bola, olhar passivo-sensação tão inocente como bater de coração - olhar como olha um gato fixado na banalidade assustadora da parede - O espaço toma outra temperatura, também tão difusa e delirada como a do seu corpo. O espaço é agora mais do que nunca seu corpo, as cores se esvaem e fazem auras, te fazendo invisível. No espelho não vê mais seu rosto, é um peixe com olhos de sangue e um gênio da lampada que levita num tapete-calça as vezes pelado.

O gênio convida, “levita”, e aos poucos vai deixando o corpo virtual do gênio que também é um sapo, guiar o seu corpo-carne, que agora é leve tipo espírito-virtual. O fantasma te levita uma perna, e depois outra, e você é elx subida no seu tapete, peixe e sapo, com a cara verde, parecendo um pouco a Tia Auxiliadora. Te vira o corpo um pouco de lado e o olho fixo, faz um cavalo e uma égua, mas não deixa de ser gênio-peixa-sapo, o cavalo-égua só passa, como se fosse uma brincadeira de imitar.

O gênio some um segundo e volta luar, com um corpo marrom, suadinho e quente. Pernas muito fixas no chão, esse trabalho

aterra, o que é um fluxo, bom-ruim, por que preciso depois de muita força pra migrar de luar e gravitar.

Começo a cantar a música da vovó com a boca fechada. Agudo corneta, fingindo pra mim mesma que não to cantando. Vou abrindo a pouca a pouca a bouca de-va-gar, atenta a sensação dos espaços entre dentes se inaurugando de ares quentes, segurando os peitos nas respirandas, ainda preu mesma não ter certeza se eu to cantando ou não.

Olhos nos olhos de reflexo agora já sou cara-de-caveira da lenda da não se pode, que aparece de noite no centro de Teresina e enquanto canto, canto de boca já aberta e cabeça virada pro chão. Me vejo no fundo do palco á esquerda, coberta com os panos meio odalisca de terror, com uns 5 metros de altura grandona fumando um cigarro que nem a não-se-pode e igual a uma versão colorida da mulher-eu que vi no espelho no gigante a uns 15 anos atrás.

Ainda fazendo e já deitando baba pro chão, e cuspiendo um grito mei bizarro tipo choro fake de criança canastrona sensível com zoi esbugalhado grudados nos meus, vejo o corpo da mulher gigante que abracei num pesadelo adolescente em projeção astral da época que chorava sozinha no quintal, pois sapatão decepção, e a pesar de ser lokona na escola, morria de medo de dormir sozinha, medo do escuro da solidão tão grande tudo-mais e tudo muda ao mesmo tempo q o mundo caía, na vida e a vida não era mais a mesma vida sonhos com entidade falando palavras em yorubá q eu não entendia reconhecia frases familiares nunca

outras camadas, mas aquela peça sem querer também foi uma aparição.

Olhos fixos e leves imagem-ação levitar.

A visagem sai do espelho. Ela está no espaço e tem vontade própria. Passeia por onde passeia, e faz a peça na minha frente, preu imitar. Tenta me enganar, ri pra caralho, e eu tbm.

Descobri esses olhos fixos no ar. Olhos de peixe morto, olhos de vidro, olhos de capa invisível.

Olhos fixos, corpo em movimento.

Olhos abertos pra receber o vento.

PRACTICI

NG TO

REFLECT

THE

INVISIBLE

E

In this practice I look at my eyes at the mirror. For a long long time.

I open the organs, open the moist gelatinous skin to enter light. Reflecting flexing the pelvis, muscular joints in oily mucous membranes to become body mollusc tongue-like surface gooey in unguided dance.

I relax the sight as hole. Tiny crater mus-cú-lár cú flashing light, pulsing penetrating of pieces of fire dizziness and joy. Lubricate my black holes, sphincter where pulsating matter of blood enters and leaves. Pieces of evaporated humor, fisher-knife, water-and-salt.

- To see as a passive act. to see as a state of embracing space. Take turns to see the eyes themselves and induce physical delusion.

I look at my face in the mirror until I see another face. In an astonishing reverie of another incarnation, the space stars revealing delirious spirits and colors turning into animals. My face is the face of an old woman and of a man without a name, is glued to the head and flattened.

- let reality become transfiguration on the surface of the eye, entering and leaving the sphincter of the iris as a flat surface 360 degrees around the eye.

I deliver the body for this relaxed image to the shape me. Without moving the ball, looking passive-flexible as innocent as the heart beat - looking like a cat fixed on the frightening banality of the wall.

The space takes on another temperature, also as diffuse and delirious as the warm of the body. Space is now - more than ever - my body, the colors fade and make auras, making me invisible.

In the mirror I no longer see my face, I am a fish with bloody eyes and a lamp genie, who levitates dressed in carpet-like pants, sometimes naked.

The genie invites, "levitate", and gradually I let the virtual body of the genie, who is also a frog, to guide this body-flesh, which is now on a light spirit-virtual.

The figure that I see in the mirror is in charge of my moves, and levitates me, first one leg, and then another, and I'm standing on

the flying carpet, fish and frog, green-faced, looking a little bit like my Aunt Auxiliadora. The body turns me a little to the side, with eyes are fixed, makes a horse and a mare shape, but it is still a frog-fish genie, the horse-mare just passes by, as if it were a game of imitation.

The genie disappears for a second and comes the face of Luara, with a brown, sweaty and hot body. Legs very fixed on the ground, this work is really landing, which is a good-bad flow, because it demands me a lot of strength to break stillness and gravitate towards the space.

I start to sing Grandma's song with my mouth closed. I squeak, pretending to myself that I'm not singing. Little by little I open the mouth, sensitive to the space between teeth opening up in hot air, holding my breasts in breaths. I still can't be sure if I'm singing or not.

Eyes in the eyes of reflection, I am now a skull-faced women of the tale of Não-se-pode, (a night apparition of the center of Teresina) and, while I sing, the corner of the is mouth already open and the head is facing to the ground. I see myself at the bottom of the stage on the left, covered with cloths kind of horror odalisque style, toda grandona 5 meters tall smoking a cigarette like Não-se-pode and like a colored version of the gigant woman I that I saw half-sleep in the mirror about 15 years ago.

Still on it and already drooling on the floor, and spitting out a goat-like crying, as sensitive canastrona child with bulging eyes glued to mine, I see the body of the giant woman I hugged in a teenage

nightmare-astral-projection of the times when I cried as a lonely teenage dyke in the homophobic mama's backyard and despite being hardcore at school I was terrified of sleeping alone afraid of the darkness of the huge loneliness and everything and everything else was changing at the same time when my world started separating from my surrounding and life as teenage dyke was not that possible dreams with entities speaking Yoruba words that I could not understand but could recognize phrases with a familiar spell that I had never heard before waking up in the middle of the dream walking in the house and watching some demon getting scared and losing control of the body hitting from ceiling to bed from ceiling to bed from ceiling to the ceiling bed to the ceiling bed to the ceiling bed to the ceiling bed to the ceiling bed to the ceiling bed to the ceiling bed to the ceiling bed to the ceiling bed to the ceiling bed to the bed from the ceiling to bed from ceiling to bed, eyes open, gaping mouths full of teeth, scream without sound tension movement shifting energy world sand undoing colors and shadows and without ever setting foot candomblé asking the protection of my mother Orixá Oyá and she answered as she still answers as the flame that calls and wakes me up again with eyes open looking and seeing the room with the same light and position of the objects of the reality-virtual-life reality sometimes as agonizing as the dream.

I got up from the living room sofa I walked to the room and looked in the mirror next to me, a giant woman appeared dressed in white , which I knew was also me, and I hugged the giant woman, Não-se-pode dressed in white cloths in a cone dress, and she shook

my whole body in a sudden nightmare astonishment and I shook myself to find several layers of my sweaty body in red sofa, struggling to pull the body out of the true dream.

In rehearsals I try to find Manguba in the mirror, and let their image bodies dance with me.

I search in this invisibility a invitation to alucinate different bodies and to be guided by them within my present and past.

Eyes fixed and light image-action levitate.

The view comes out of the mirror. She is in space and has a will of her own. Walk where you walk, and do the play in front of me, I want to imitate. Try to deceive me, laugh my ass off, and I too.

I discovered those eyes fixed on the air. Dead fish eyes, glass eyes, invisible cover eyes.

Eyes fixed, body in motion.

Eyes open to receive the wind.

I first knew this kind of practice with the Cabo-Verdean choreographer Marlene Monteiro de Freitas at a formation in Portugal. At that time, in a collective practice and with the enunciation of reproducing a painting in the mirror, I found myself red with a mustache that was generally mischievous like a devil hahaha.

Then I made the solo piece FLECHA all unfolding the charecther I found in the mirror, but that piece was also an appearance.

For this piece this practice has been a guide for me to make the woman-apparitions materialize in the space and in my body.

To be together with them, and witness how we shape eachothers bodies.